

AS FALAS DA INFÂNCIA NO CONTO “A MENINA DE LÁ”,
DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Iolanda Cristina dos Santos (UFRJ)
iolcristi@gmail.com

O que ela falava era comum,
a gente é que ouvia exagerado ...

(João Guimarães Rosa)

RESUMO

Este trabalho contempla o conto "A menina de lá", do livro *Primeiras Estórias*, de João Guimarães Rosa. Propõe reflexões literárias e linguísticas a partir dos enunciados da protagonista e suas ressonâncias nos seus interlocutores. Em um mundo que instrumentaliza as experiências e, por consequência, o discurso, evidenciar este conto propicia um debate sobre a dimensão expressiva e transcendente da linguagem, e o papel discursiva da literatura rosiana como o lugar de desvio, impacto e revelação, seja no que diz respeito aos aspectos sintáticos, semânticos ou linguísticos da língua. A narrativa em questão retoma a força da palavra e as suas repercussões no texto e no leitor. Mostraremos que, neste caso, a linguagem singular da protagonista estreita os laços entre os territórios do mito e do real. A estória funde a imaginação da protagonista com a do autor, no que esta tem de prodigiosa, sempre fecundada em inusitados desvios de linguagem. Mostra a perspicácia do autor em criar palavras que não traduzem o intraduzível, mas que recriam os fatos esquecidos ou "invisíveis". O objetivo central é trazer à luz a palavra como um efusivo e impactante acontecimento, capaz de operar *milagres*, no sentido de provocar uma potente relativização das coisas no leitor, através da palavra inventada e inventadeira. É o que propomos apresentar.

Palavras-chave: Infância. Conto. A menina de lá. Guimarães Rosa. Mito.

“A menina de lá” é um conto do livro *Primeiras Estórias*, de João Guimarães Rosa, publicado pela primeira vez em 1962. O conto é protagonizado por Nhinhinha, uma garota de quatro anos, que habita um universo muito singular, traduzido por palavras e expressões pouco usuais. Do seu cotidiano fazem parte seu pai, sua mãe e Tiantônia. (A propósito, é bom que não se esqueça: também o narrador).

Neste conto – ainda que protagonizado por uma criança – a efemeridade da vida é colocada em cena de forma insólita, pois a protagonista tem uma vida curta e leve. Para os adultos, a protagonista parece ter poderes de vidência, sendo considerada como santa, em certa altura da estória. Operadora de milagres, tudo que falava acontecia. Segundo o narrador, a garota "... nascera já

muito para miúda, cabeçudota e com olhos enormes. Não que parecesse olhar ou enxergar de propósito." (ROSA, 1994, p. 401)

Habitante de um mundo supra-realista, ela choca os que a cercam. Seus desejos são realizados pela força das palavras, é o que o conto sugere. Até sua morte ela prevê, escolhendo o dia, e a cor do caixão. Trata-se de uma menina cujas intuições e pressentimentos não são guiados por poderes sobrenaturais, mas por uma especulação pertinaz sempre baseada em suas experiências imediatas, retratadas em suas falas aparentemente absurdas e sem nexos. Nhinhinha, com sua linguagem cifrada e estranha, possibilita-nos o contato com a transcendência, pois é uma personagem cujas falas vão além das coisas do mundo sensível, evocando uma possibilidade de comunicação com o incomum, com o extraordinário.

O narrador, que a conhece e com ela convive, reconhece que: "O que ela falava era comum, a gente é que ouvia exagerado (...)" (ROSA, 1994, p. 402) E quando ela proferia frases aparentemente desconexas, como – "O passarinho desapareceu de cantar..." (*Ibidem*, p. 402), o narrador vê sentido nas palavras da menina, cujas falas são geradoras de imagens do seu microcosmos ao qual só ela parece ter acesso.

Os procedimentos discursivos da protagonista rompem com a lógica racionalista e instauram o sentimento ou a atmosfera do imprevisível. Muitas palavras – com sons incomuns – parecem incompreensíveis, como se ela falasse um dialeto próprio, pertencente a um lugar particular: o lugar de lá. Assim, as palavras de Nhinhinha são "palavras de lá", geradas na fonte lexical de Guimarães Rosa, conhecedor de muitas línguas, e desbravador de falares dos rincões do Brasil muito pouco conhecidos.

De todas as expressões utilizadas pela menina, a que mais nos chama a atenção é a frase que, segundo o narrador, ela sempre repetia: "Tudo nascendo!" (ROSA, 1994, p. 402) Este enunciado concentra a força dos personagens rosianos e a sua maneira única de ver o mundo, além de revelar o vigor que o autor deu à sua linguagem, porque acreditava numa língua tão viva quanto a própria vida. Em entrevista a seu tradutor alemão Gunter Lorenz, Guimarães Rosa explica o seu método para escrever, o qual, segundo o autor, "implica na utilização de cada palavra como se ela tivesse acabado de nascer, para limpá-la das impurezas da linguagem cotidiana e reduzi-la a seu sentido original." (LORENZ, 1991, p. 81)

Sua obra contempla um universo de coisas nascentes e moventes do qual fazem parte as crianças, com suas falas raras. Além das questões ligadas ao discurso, ressaltamos que nas estórias de Guimarães Rosa tudo parece estar

sempre nascendo, mesmo quando ronda a morte e/ou a velhice. Sua obra é a expressão harmoniosa de um projeto literário e de concepções de linguagem muito pesquisados e articulados. Tudo conflui, em seus textos, para o rebrotar incessante da vida, e, conseqüentemente, da palavra. Por isso, há tantas crianças protagonizando os contos de *Primeiras Estórias*.

As formas linguísticas utilizadas por Nhinhinha nos fazem pensar sobre a língua como possibilidade de desdobramento criativo do potencial humano, e não como um mero veículo de comunicação, com finalidades definidas. Enquanto a fala da garota é um imprevisto, a dos adultos mantém-se estagnada e funcional. Deleuze, nesse sentido, e em relação à sintaxe, sinaliza que: “Já não é a sintaxe formal ou superficial que regula os equilíbrios da língua, porém uma sintaxe em devir, uma criação de sintaxe que faz nascer a língua estrangeira na língua, uma gramática do desequilíbrio.” (DELEUZE, 1997, p. 127) A língua falada pela protagonista dispõe-se como “a língua em perpétuo desequilíbrio” ou “a gagueira criadora” (*Ibidem*, p. 127). Servem como exemplos alguns enunciados proferidos pela garota:

Suspirava, depois: – “Eu quero ir para lá.” – Aonde? – “Não sei.” Aí observou:

–“O passarinho desapareceu de cantar...”

–“Jabuticaba de vem-me-ver...”

–“Eu ... to-u... fá-a-zendo.” (ROSA, 1994, p. 401)

–“E eu? Tou fazendo saudade.” (ROSA, 1994, p. 402)

–“Eu queria o sapo vir aqui.” (*Ibidem*, p. 402)

–“Está trabalhando um feitiço...” (*Ibidem*, p.402)

–“Alturas de urubu não ir...” (*Ibidem*, p.402)

–“Estrelinhas pia-pia.” (*Ibidem*, p. 402)

–“Ele xurugou?” (*Ibidem*, p. 401)

A palavra neste conto e no conjunto da obra se encontra em movimento; os signos que contornam as falas da personagem renovam-se, de forma despretenhosa, mas conscientemente construídos pelo autor. Afinal, uma de suas principais premissas é que a linguagem e a vida são uma coisa só.

O campo lexical utilizado por Nhinhinha revela sua habilidade “suasibilíssima” em dizer o nunca dito, numa tentativa do autor de recuperar a originalidade que há no fundo das coisas esquecidas. Nhinhinha vê “só a pura vida”, o que a faz parecer excêntrica, devido ao seu discurso esdrúxulo, e, por is-

so mesmo, livre de estereótipos.

“A menina de lá” nos faz pensar sobre o esvaziamento das experiências linguísticas do mundo pós-moderno. As falas da garota vão de encontro a uma concepção de linguagem entendida como puro instrumento ou veículo de informação e conhecimento. Um mundo que instrumentaliza as experiências e as relações exige uma linguagem-instrumento, o que compromete a dimensão expressiva e transcendente da linguagem. Neste conto a reação dos adultos mostra, sobretudo, que eles perderam contato justamente com aquilo a que a menina está mais sintonizada: a vida e a revelação cotidiana dos mistérios. Por isso, como diz o narrador: “Ninguém entende muita coisa que ela fala...” (ROSA, 1994, p. 401)

Neste eixo de pensamento, podemos afirmar que o conto propicia a reflexão sobre a recuperação da função expressiva da palavra. As experiências da menina parecem ser sustentadas pela própria linguagem, pois não parece haver neste conto disparidades entre o vivido e o dito. A palavra brota, assim como brotam as percepções. Elas são imediatas, coladas às experiências. Por meio das falas de Nhinhinha penetramos na corrente viva da língua e da infância. Diante da pergunta – “Nhinhinha, que é que você está fazendo?” Ela responde: “– Eu... to-u... fa-a-zendo.” (*Ibidem*, p. 401) Sua fala faz parte de uma engrenagem que se renova; um exemplo disso é o emprego do gerúndio dividido em sílabas na expressão acima, o que evoca a oralização do uso da forma nominal, como uma sugestão de algo que não tem tempo para cessar. Quando há menção ao futuro é também para se referir a um lugar desconhecido. “Suspirava, depois: “Eu quero ir para lá.” – Aonde? – “Não sei”.” (ROSA, 1994, p. 402) O marcador espacial “De lá” evoca um lugar de muitas possibilidades: lugar do discurso, lugar da infância, lugar do sem lugar. Nesse sentido, são inspiradoras as palavras de Solange Jobim e Sousa:

A criança conhece o mundo enquanto o cria e, ao criá-lo, ela é capaz de resgatar uma compreensão polifônica do mundo, desenvolvendo, através do jogo que estabelece na relação com os outros e com as coisas, os múltiplos sentidos que a realidade física e social pode adquirir. Por isso enriquece permanentemente a humanidade com novos mitos. (JOBIM; SOUZA, 2001, p. 160)

Quando o narrador afirma que “Ninguém tem real poder sobre ela...” (ROSA, 1994, p. 402), está legitimando o universo insondável da criança e da própria linguagem da infância, cujo discurso resgata o que há de poético no prosaico, de verossímil no acontecido, de simbólico no real, de expressivo no referencial.

Neste conto fundem-se a imaginação da protagonista com a do autor:

ambas prodigiosas e enigmáticas. Em Guimarães Rosa existe, como afirma Wendell Santos, “uma euforia da linguagem, um retorno ao estilo metafórico que o diferencia do estilo metonímico da tradição anterior.” (SANTOS, 1978, p. 176) As falas da menina são mágicas e prodigiosas porque são geradas e alimentadas no que elas possuem de genuína originalidade. A magia e o milagre só podem ser interpretados se concebidos dentro do vigor da própria palavra, inédita, que já é, por si só, um milagre. Este é um dos milagres que a narrativa em questão nos oferece, afinal, como lembra o narrador: “O que ela queria, que falava, súbito acontecia.” (ROSA, 1994, p. 402)

O diálogo com as personagens rosianas está intimamente ligado ao diálogo com a linguagem, ou seja, ambos constituem os dois lados do tecido de um texto repleto de alinhaves imprevisíveis. O leitor de Rosa precisa considerar a linguagem de Guimarães Rosa como um fenômeno linguístico impossível de ser mapeado pelos signos da referencialidade, porquanto ela é sempre um ponto de partida a ser atravessado até o final do texto, com desdobramentos para além do desfecho das narrativas.

A linguagem-esfinge é um propósito literário consciente e definido que tem como premissa revelar as dinâmicas insuperáveis das relações humanas com o seu universo, sempre se construindo e se desconstruindo por meio dos atos de fala. Para tal propósito, um léxico comum não seria suficiente, como não o seria uma sintaxe ordenada pelos padrões gramaticais. Esta não cumpriria a tarefa de revelar as intrincadas relações humanas, – o impossível que é o homem. A linguagem das crianças rosianas é parte da cosmovisão polifônica de Guimarães Rosa. Nesse sentido, importa ressaltar que o autor tinha domínio de várias línguas, e que fez delas farto material para construção dos seu neologismos.

No entanto, embora misteriosa e enigmática, a linguagem de Rosa não tem o aspecto devorador da esfinge à que nos referimos, mas à coragem e à inteligência que a mesma impõe. O texto rosiano, sertão fechado, dificultoso e perigoso, oferece-nos também veredas e campos gerais; atravessá-lo é um exercício, uma educação dos sentidos.

Infelizmente, à medida que vamos nos tornando adultos, o mundo deixa de ser misterioso, e a vida nos parece destituída de mistério. Na narrativa em foco foi possível contemplarmos o mundo adulto pelo olhar da criança, pois Nhinhinha é uma explosão radical da razão, uma despreensão pelo racional e nos faz pensar naquilo que o próprio autor afirmou: “a espécie humana peleja para impor ao latejante mundo um pouco de rotina e lógica, mas algo ou alguém de tudo faz frincha para rir-se da gente... E então?” (ROSA, 1994, p.

438) De onde brotam os questionamentos deles é do mesmo chão de onde brota a linguagem, vereda dentro do sertão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Trad.: Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Trad.: Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BENJAMIM, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. Trad.: Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Trad.: Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BOLLE, Willi. *Fórmula e fábula: teste de uma gramática narrativa*. São Paulo: Perspectiva, 1973

CASTRO, Dácio Antônio de. *Primeiras estórias: roteiro de leitura*. São Paulo: Ática, 1993.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Trad.: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

FREUD, Sigmund. *Uma neurose infantil: e outros trabalhos*. Trad.: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GARBUGLIO, José Carlos. *O mundo movente de Guimarães Rosa*. São Paulo: Ática, 1972.

JOBIM E SOUZA, Solange. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamim*. São Paulo: Papyrus, 1994.

KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel (Orgs.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papyrus, 1998.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. São Paulo: Summus, 1982.

ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.